



*Sempre cheguei tarde
ou cedo demais
Não vi a felicidade acontecer.*

*Nunca floresceram em
minha primavera as
rosas que sonhei colher.*

*Mas, sempre os passarinhos
cantaram e fizeram ninhos
pelos beirais do meu
viver.*

Helena Kolody

(Dedicado ao Prof. Mansur Theófilo Mansur)



ERRATA

À página 26, em “Encruzilhadas”, onde se lê:

VIVER É SIM...

Leia-se

VIVER É ASSIM...

Editorial

O universo das culturas locais _____	06
Histórias antigas _____	07
O dia em que a tradição gaúcha foi ameaçada _____	09
PT - Estrela Luzidia _____	11
Informática Aplicada na Medicina – Uma alavanca “virtual” de Arquimedes _____	12
O poder da poesia e da memória _____	14
A um Passarinho _____	16
Recordações sobre nosso Senna _____	18
Barbarinha, Barbarella, a menina da janela _____	19
Fernando Pessoa _____	21
Mar Português _____	22
O Guardador de Rebanhos _____	22
Odes de Ricardo Reis _____	23
Magnificat _____	23

Poesia _____	24
Cuidando do espírito _____	25
Encruzilhadas _____	26
Poupem-nos: os nós e os nus _____	26
O beijo _____	28
Crônica poética a uma morte anunciada _____	28
Cada dia é um dia _____	29
O que não tem nexo _____	30
Hora _____	30
Dom da vida _____	32
Alguém _____	32
Desabafo _____	33
Um ramalhete abandonado _____	34
Ao Oeste Paranaense _____	34

INSTRUÇÕES REDATORIAIS

- 1 - A revista ACULFI é publicada sob a orientação do Conselho Editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2 - A publicação será mensal e tem por finalidade divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3 - Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do Conselho Editorial, que enviará ao Comitê de Revisão.
- A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificação no texto.
- 4 - Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em programa *for Windows*, conforme as normas da ABNT. Uma cópia deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5 - Os textos necessariamente não deverão ultrapassar 2 (duas) páginas.

EXPEDIENTE

Presidente

Lyrio Bertoli

Secretário Geral

Paulo Ferreira

Diretor Cultural

Ildo Carbonera

Orador

Valter Teixeira

Diretor de Com. Social

Nelson Figueira Sobrinho

Tesoureiro e Diretor de Patrim.

José Elias Aiex Neto

Representante Argentina

Clara Cruz

Representante Paraguai

Victor Manuel Britez

Conselho Fiscal

Rosicler Hauagge do Prado

Nanci Rafagnin Andreola

Claimar Granzotto

Ivette Souza Secundino

José A. Saraiva

Cidinha Hosoya

Conselho Editorial / Comitê de Revisão

Degmar Francisco dos Anjos

Valter Teixeira

Ildo Carbonera

A.G.H. Cunha

Francisco Heitor Fernandez

Nelson Figueira Sobrinho

Marcelo Zini

Joyce Fernandes

Endereço

Rua Benjamin Constant, 62

2º andar - sala 21

Fone: 523-6263 - Ramal 19

CEP 85851-380

Foz do Iguaçu - PR

Diagramação e Impressão

Grasmil Gráfica

São Miguel Ltda.

Depois de um certo tempo, voltamos. Algumas coisas impediram o bom e necessário desenvolvimento de algumas atividades. Libertamo-nos da mania, do costume e do vício de arrumar desculpas, procurar culpados.

O tempo passa, apesar do nosso comodismo; passa também quando estamos trabalhando, pensando em coisas novas, produzindo, escrevendo, lendo.

O que sentimos é pela vida desperdiçada, pelas chances não aproveitadas, pelos projetos inacabados. A vida passou a ser sinônimo de angústia, pressa, estresse, nervosismo, insegurança, incertezas. Cadê os sonhos e as esperanças dos homens? Em que rua ou avenida, em que prédios ou casas estão guardadas as idéias, as intenções, as iniciativas?

A Academia de Cultura de Foz do Iguaçu sobrevive às custas de um número reduzido de pessoas que dedicam um pouquinho das suas vidas em prol da coletividade e acreditam na cidade e no país. Quantas vezes tudo parece desmoronar? Custa caro ver pessoas, idéias, projetos, esperanças sumindo, desaparecendo, morrendo.

MAS, que nunca nos falte a coragem, a esperança. Renovamos o convite: venha participar, traga suas idéias, seus artigos, contos, poemas, resenhas. Este tempo é o nosso tempo. Este é o nosso presente. O tempo dos nossos ancestrais já foi; o dos nossos pósteros não nos pertence. O passado ensina, o futuro alerta.

Ildo Carbonera

A Academia Paranaense de Letras está desenvolvendo um projeto de estímulo à criação de novas academias de letras em cidades estratégicas do interior que possibilitem uma fusão de experiência regional nesse universo difuso em que se constitui a realidade histórica e social do Paraná. A iniciativa já foi deflagrada para formação de núcleos em Maringá, Foz do Iguaçu, Ponta Grossa, Palmas, União da Vitória e Francisco Beltrão. Alguns de caráter regional como a do Vale do Iguaçu e dos Campos Gerais, por exemplo. Existem outras academias ou grupos literários em formação, como Apucarana, Pato Branco e Guarapuava. Somadas à Academia de Artes, Ciências e Letras de Londrina — a mais antiga do hinterland — tais academias e centros de letras caracterizam nítida vanguarda nesse movimento. Servem-lhe de apoio logístico às universidades e às escolas de ensino superior que abrem suas portas para um processo de interação de programas e atividades que envolvem a ciência, a arte e literatura em harmonia com os progressos tecnológicos.

Esse projeto tem a virtude de incentivar o desenvolvimento das culturas locais, compreendida a expressão cultura em sua mais generosa acepção. Numa visão sociológica, a Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, idéias e produtos materiais associados a um sistema social. Em outras palavras, o fenômeno cultural compreende várias dimensões da realidade humana, desde as mais humildes até as mais elevadas, como o campo, as letras, a amizade, o espírito e a própria divindade. E é justamente nesse aspecto o mérito da iniciativa da Academia Paranaense de Letras. Estamos vivendo o começo de um novo século e de um novo milênio. É fundamental que as obras do espírito e da inteligência humana já conquistadas não sejam destruídas pela invasão de novos bárbaros assim como ocorreu com civilizações do passado que perderam a identidade e o vigor em consequência de guerras e de outros atentados contra a paz e a segurança.

Fala-se muito nos dias correntes — e não raro com entonação eufórica — da globalização como um fenômeno de progresso das sociedades modernas. A globalização é um termo utilizado há vários anos pelos economistas para descrever algo como recente mas que, na realidade, existe desde o início do século e que foi descrito por Lênin, em sua obra “Imperialismo”, estágio supremo do capitalismo: crescimento e primazias das exportações de capital, desenvolvimento da divisão internacional do trabalho, dos trustes multinacionais, interconexão das economias dos diferentes países etc. Como lembra o economista francês, Pierre Size, este nome surgiu pelo fato de que tal processo tomou uma amplitude particular desde os anos 80, em que a desregulamentação generalizada acelerou as condições da concorrência do plano mundial e o desenvolvimento dos meios de transporte e as telecomunicações suprimi-

ram um a um os obstáculos à deslocalização de centros de produção. Ao mesmo tempo, as crises financeiras, que no passado levavam meses ou anos para se propagarem, agora tocam todas as praças financeiras em alguns instantes.

Filhos diletos da globalização da economia são os capitais flutuantes, ou seja, os capitais de curto prazo, altamente especulativos, que passam de um mercado financeiro, ou de uma região para outra, em questão de instantes, visando ganhos imediatos.

Um dos meios para evitar que as sociedades humanas sejam vítimas do processo da globalização da cultura e sacrificadas pelos capitais flutuantes nas áreas da ciência, da arte, das letras e da técnica, é a criação de academias para explorar o universo das culturas locais. E o Paraná é um cenário multifacetado pela Cultura e Civilização de povos e raças que aportaram nos campos e nas cidades, oriundos das mais distantes regiões do mundo, ampliando os espaços do antigo caminho das tropas para uma imensa terra de todas as gentes, uma espécie de liga das nações.

Há um incomensurável terreno para ser lavrado com a inteligência dos trabalhadores culturais em cidades que têm história, identidade, valores e esperanças. Domingos Pellegrini, na abertura de seu romance “Terra Vermelha”, bem definiu uma parte desse universo, visto pelo caderno de poesia da Vó Tiana: “Põe na mão, olha bem, olha / e sabe porque então / esta terra é assim vermelha?! É vermelha de paixão!”.

Como dizem numa linguagem coloquial: “É por aí mesmo.”

René Ariel Dotti

Advogado e professor universitário, foi secretário de Estado da Cultura do Paraná.

HISTÓRIAS ANTIGAS

Era o dia 15 de julho de 1888 quando os moradores de Foz do Iguaçu, na barra dos rios Iguaçu e Ocohy, foram surpreendidos pela presença do engenheiro militar José Joaquim Firmino.

Como aquelas terras eram habitadas por não mais do que 300 pessoas e ainda diversas tribos de índios Kaingang, todos ficaram alvoroçados. Esperavam por notícias ruins e, felizmente, nada escutaram que os preocupassem.

Iniciava-se, nesse dia, a implantação da colônia militar e a fixação da nossa divisa oeste.

Histórias antigas contadas sobre Cabeza de Vaca, das povoações indígenas e a submissão ao governo de Assunção, além daquelas outras que diziam respeito aos aldeamentos, ao norte, da Ciudad Real de Guayra, Ontiveros e a redução de Santa Maria.

La Major, fazia dessa região uma incógnita para o governo brasileiro. Os índios Guarani que haviam habitado aquelas reduções eram dóceis e adiantados. Só para darmos idéia de quanto, contamos para vocês que naqueles tempos por eles foi montada a primeira tipografia e impressos os primeiros livros na América (em território que hoje é paranaense).

Nos anos de 1924/25, aquela cidade tornou-se palco de violenta disputa: desta vez, uma guerra civil. Os contrários ao governo brasileiro, revoltosos, chefiados pelo general Isidoro Lopes, ali resistiram durante longo tempo às forças legais comandadas pelo general Rondon (sertanista famoso). Dia 19 de abril de 1925 foi a data que os legalistas conseguiram adentrar a cidade e isso porque os rebeldes tinham-na abandonado.

Entre os revoltosos figuravam nomes conhecidos como os de Miguel Costa, Siqueira Campos (um dos dezoito do forte de Copacabana), Juarez Távora, Luiz Carlos Prestes e outros. Este último, acabou tendo seu nome definitivamente incorporado à coluna que, a partir daí, comandou, em longa marcha pelo território brasileiro.

A estrada para Foz do Iguaçu foi valentemente defendida pelo destacamento Almada, que conseguiu afastar os revoltosos daquela via de acesso.

Por esse tempo, o sr. Osvaldo Requião, que havia perdido a esposa Alaíde (deixando-o com quatro filhos menores), empreendeu viagem para Curitiba.

Queria afastá-los da guerra; visava entregar as crianças à sua irmã, que se propusera criá-los. Inúmeras foram as dificuldades que encontraram; levaram 31 dias em marcha. Na ponte sobre o rio Cavernoso aconteceu horrível acidente. Todos haviam descido da carroça e o condutor empreendeu a travessia daquele obstáculo, dirigindo os animais do lado de fora do veículo. No meio do caminho, os cavalos se assustaram e, com ele, caíram no leito rochoso do rio. Perderam roupas e quase todos os mantimentos. Só conseguiram chegar a Curitiba depois do difícil conserto daquele veículo, além de muitas outras situações críticas. Aquelas crianças, Aida, Adail, Octacilio (o “véio” Requião, casado com dona Maria Eliza Hungria), Rubens (que foi deputado), sob a proteção do cel. Dagoberto Pereira e sua esposa Syrth, aqui em Curitiba, criaram-se e constituíram suas maravilhosas e respeitadas famílias.

Quantas histórias como estas estão se perdendo, porque as pessoas não têm tempo para contá-las ou escrevê-las? As comunidades, igualmente, ao não registrarem passagens históricas importantes, deixam de dar aos seus habitantes a identidade, o sentimento de estima e orgulho próprio que merecem ser conhecidos por todos e, principalmente, para que os seus moradores possam saber o feitio, a índole e o caráter daqueles que os precederam.

Luiz Romaguera Netto

Da Academia Paranaense de Letras

O DIA EM QUE A TRADIÇÃO GAÚCHA FOI AMEAÇADA

Já passava das 21 horas, o luxuoso auditório do Gran Hotel Pampeano de Porto Alegre estava lotado, os 500 lugares estavam ocupados, as laterais e parte do corredor central eram disputados palmo a palmo. Na entrada, os organizadores do evento já não conseguiam manter a diplomacia inicial. Ninguém queria ficar de fora. Havia ainda vários ônibus chegando, procedentes dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) dos mais remotos pontos do país.

Muita expectativa havia sido criada em torno daquele momento. Com apoio do Superior Bureau Tecnologic Nordestino e Secretaria de Comunicação Social, seria apresentada a invenção do século, alguns diziam do milênio. O invento mudaria costumes e tradições centenárias. Mesmo que desconhecido, mantido em segredo, tinha o respaldo da Feira de Ciências Porto Alegrense, que recebera aval do governo Nordeste. Seria uma mudança nas tradições folclóricas e culturais curvando-se à evolução tecnológica, tudo em nome da ciência. Há momentos na vida em que paradigmas devem ser superados. A palavra paradigma era a mais falada, corria de um lado para outro no meio da massa, igual bolinha de pebolim em casas de jogos.

Já não havia mais por que postergar o início da apresentação. O público inquieto dava os primeiros sinais de insatisfação com silvos introvertidos. Uma porta lateral abriu-se dando passagem ao chefe do cerimonial. Com um papel na mão direita, dirigiu-se à tribuna localizada no canto direito. Largou o papel, segurou o microfone dando umas batidinhas. Pigarreou discretamente e falou:

— Excelentíssimos senhores, autoridades presentes, convido a entrar no recinto o membro do Corpo Docente da Universidade Tecnológica do Nordeste, formado na Universidade de Boston, com pós-graduação em Chicago, o professor e inventor Regis Severino da Silva Gabiru.

Diante de aplausos



efusivos, entrou triunfalmente um baixinho, não tinha mais do que um metro e sessenta de altura, de cabeça grande e chata. Carregava uma pasta na mão esquerda. Era da altura da tribuna —logo providenciaram um microfone na mesa central, decorada com faixas alusivas ao evento, patrocinadores e algumas flores no centro.

Gabiru pegou o microfone e levantou as mãos, só assim os aplausos foram se dissipando até o silêncio dominar o ambiente. Ninguém sequer sussurrava. Tomou um fôlego e começou:

— Este é um momento histórico. Nossos descendentes lembrarão como um dos afluentes da nossa existência, afluente de grandes acontecimentos que em determinadas datas do passado temos registros de mudanças na evolução da raça humana. Será lembrado como o auxílio que veio do Nordeste.

Diante dos olhos extasiados do público, Gabiru tirou de uma pequena caixa de madeira alguma coisa envolvida por um tecido branco, colocou sobre a mesa —sem nada dizer, retirou de sua pasta uma transparência e colocou-a sobre o retroprojeto desligado. Olhou para o invento, respirou fundo, levantou os olhos para o público e puxou lentamente o pano de cima do esperado invento. De momento houve realmente uma perplexidade. Manifestações, gritos incompreensíveis, até que um indivíduo mais próximo gritou com grande veemência.

— Isso é gozação?!

— Calma pessoal! Vou explicar! Disse Gabiru, olhando serenamente para o objeto que acabava de desnudar. Uma cuia de chimarrão com uma bomba. Parecia gozação. O objeto todos já conheciam e sentiam-se aviltados pela situação.

— Calma pessoal! Disse novamente o professor diante do burburinho. Vou explicar! Ligando em seguida o retroprojeto, projetando uma bomba de chimarrão toda rabiscada com detalhes técnicos. As atenções do público se voltaram novamente, ávidos por explicações.

— Nós, o povo nordestino, temos acompanhado os problemas deste povo em manter esta difícil tradição de tomar chimarrão. Todos os dias, são muitas horas perdidas chupando nesse pequeno tubinho que na maioria das vezes entope. Para solucionar este problema, inventamos a bomba automática de cuia de chimarrão. Funciona à pilha. Basta apertar um botãozinho aqui ao lado que o líquido jorra automaticamente, sem precisar mais chupar. Nunca mais os senhores vão precisar chupar nesse minguado caninho.

Dito isso, parou de falar. Olhou para a platéia estagnada. Parada em silêncio sem saber qual seria a próxima reação. Um silêncio cruel, estarrecido, tomava conta do ambiente. Nenhum aplauso sequer. Gabiru, olhando de soslaio, começou a suar frio. Suas mãos gelaram. Sua intuição lhe dizia que algo estava errado. No meio da multidão enfurecida, uma voz mobilizou a revolta latente.

— Vamos ensiná-lo a chupar!!!

Um estrondo, como se tivessem soltado uma manada de ele-

fantes, tomou conta do auditório. A gauchada começou a quebrar tudo. Gabiru já havia rolado pelo canto, levando a porta no peito. A multidão atrás, agora gritava mais enfática: “Vamos matá-lo! Vamos ensiná-lo como é que se chupa! Vamos mostrar como se faz churrasco de nordestino.” O hotel foi totalmente destruído. Ninguém pagou a conta.

Hoje, cada evento antes de receber apoio é checado e recheado pela Secretaria de Comunicação Social da Prefeitura. Dizem que Gabiru ainda vive, mas nos esgotos da cidade de Porto Alegre, todo deformado e cheio de hematomas irrecuperáveis.

Heitor Fernandez

Jornalista, editor do jornal Primeira Linha.

PT - ESTRELA LUZIDIA

“Vivemos na era da mídia e da mistificação. O povo é bombardeado todos os dias pela propaganda do governo, que pinta um Brasil ilusório. Temos dois países: um, o do governo Fernando Henrique, cheio de realizações, desenvolvimento, integração com o mundo, viagens internacionais, reformas, vantagens sociais e progresso econômico. O outro, o Brasil da realidade em que vive o povo.” (*João Pedro Stedile - líder do MST*).

A euforia com os resultados nas urnas na última eleição começa agora a acordar o gigante “deitado eternamente em berço esplêndido”, que vislumbra uma luz no fim do túnel.

O PT (Partido dos Trabalhadores) fundado em fevereiro de 1980, chega à prefeitura de São Paulo com a vitória de Marta Suplicy.

Foi uma jornada de vinte anos, onde o país serviu de laboratório e o povo de cobaia, para se testar inúmeras medidas econômicas que não deram certo como Plano Cruzado (1986), Plano Verão (1989), Plano Collor (1990), Plano Real (1994). Este último, responsável por uma quebradeira de pequenas e médias empresas e ainda trouxe muito desemprego. Serviu como o maior cabo eleitoral de FHC, que em campanha em 1998, prometeu gerar 7 milhões e 800 mil empregos.

O PT agora carrega nas costas a responsabilidade de governar São Paulo —maior capital do país com população de 9.968.485 (três vezes a população do Uruguai) e fazer da cidade sua vitrine administrativa. Para isso, precisa fazer bonito e bem feito “o dever de casa” —uma boa administração se quiser pensar em vôos mais altos e se credenciar junto à população para o lançamento de candidatura própria à presidência da República que pode ser Aloisio Mercadante, o próprio Lula ou outro de igual estirpe.

Também é preciso não mais repetir os erros do passado, em não admitir alianças, não permitindo o ingresso em suas fileiras de empresários simpatizantes, e pensar que venceria sozinho a tudo e a todos. É importante evitar a migração para suas bases de políticos oportunistas que nada têm haver com a filosofia petista, só porque o partido caiu no gosto popular. As alianças devem ser bem analisadas para não redundar na descaracterização do partido.

A história nos mostra que quando se tem um inimigo comum, os mais fracos devem se unir para debelá-lo. Foi o que ocorreu para se vencer o nazi-facismo. Os aliados na Conferência de Yalta, em fevereiro de 1945, onde se fez presente Winston Churchill, 1º ministro do Reino Unido, Franklin Roosevelt, presidente dos Estados Unidos e Josef Stálin, governante da então União Soviética. Como se não bastasse, houve uma segunda conferência, a de Potsdam, na Alemanha, em agosto do mesmo ano com Stálin, Clement Attle, do Reino Unido, e o novo presidente norte-americano Harry Truman. Logo após, os Países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) foram fragorosamente derrotados.

Muita água ainda vai passar debaixo da ponte. "O eleito está buscando candidatos que tenham um perfil identificado com a moralidade pública" (Fernando Henrique Cardoso). O PT pode ter essa identificação.

Vamos lutar e aguardar para ver e viver.

Paulo Ferreira

Membro fundador da ACULFI
(Academia de Cultura de Foz do Iguaçu - PR),
Inspetor do CREA (Conselho Regional
de Engenharia, Arquitetura e Agronomia). É engenheiro.

Informática Aplicada na Medicina Uma alavanca "virtual" de Arquimedes

A saúde é considerada o maior bem do ser humano e representa uma condição *sine qua non* para que possamos usufruir dos demais bens de uma maneira completa. Para a manutenção dessa condição, a Medicina vem sendo cada vez mais solicitada e sofrendo mudanças exponenciais, embasadas principalmente em pesquisas científicas.

A ciência e a arte que constituem a Medicina podem ser consideradas desta forma um monumento do saber, o qual tem sua base estrutural composta por múltiplos fatores que sustentam seus alicerces.

Historicamente, a Medicina é tão antiga quanto o homem, apresentando um real avanço principalmente após o advento da

escrita. O seu desenvolvimento foi bastante peculiar, com fases de grandes conquistas e períodos de completa estagnação, ou mesmo de retrocessos.

Esta escalada evolutiva longa e penosa até os dias atuais basicamente dividiu-se em seis etapas.

A primeira etapa compreendeu a medicina do Egito antigo, descoberta nos papiros de Ebers e Smith, anteriores ao ano de 1600 a.C., caracterizadas pelo empirismo e atuações mágico-religiosas. A segunda etapa, a heróica, foi marcada pela audácia, principalmente a impetuosidade e desespero dos barbeiros-cirurgiões, que como uma aventura, se colocavam a operar. A terceira etapa foi caracterizada pela racionalização dos tratamentos com a descoberta dos fármacos e da anestesia. A quarta etapa iniciou-se com os conhecimentos da anti-sepsia de Lister e consagrados posteriormente pela sedimentação desses conceitos por Louis Pasteur. A quinta etapa foi a era fisiológica, marcada pela melhora das interpretações das doenças.

Finalmente, a sexta etapa caracterizou-se com a era bioquímica e estende-se até os dias atuais, com o início do domínio da doença ao nível molecular e suas interações.

Paralelamente à evolução da Medicina, a Informática teve um grande desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial e um impulso decisivo com o fim da Guerra Fria. Por volta da década de 70, iniciou-se o desenvolvimento de aplicações voltadas à área médica. As últimas três décadas foram marcadas por significativas interações entre essas duas áreas e notáveis contribuições ocorreram desde então nas diversas especialidades das ciências médicas.

Inicialmente, esta interação deu-se por meio da capacidade de assimilar e processar enormes quantidades de dados em um curto período de tempo. Posteriormente, a Informática também auxiliou, e continua contribuindo, no campo de processamento de imagens com aperfeiçoamento de exames complementares, tais como o raio-X, ultra-sons, eletrocardiografia, tomografia computadorizada, medicina nuclear. Convém lembrar da importância da monitoração de pacientes sob cuidados intensivos nos centros cirúrgicos e U.T.I..

Com o avanço da Informática e das telecomunicações, especificamente com a disseminação do uso da internet, iniciou-se a telemedicina e a instalação de hospitais virtuais, onde o futuro parece passear no presente. Este cenário acarreta na diminuição de distância entre os grandes centros de pesquisas e pesquisadores, facilitando a troca de idéias e discussões sobre casos clínicos, cirúrgicos e pesquisas experimentais. Para exemplificar, somente no banco de dados da Medline, existem disponíveis mais de nove milhões de referências e artigos de quase quatro mil publicações biomédicas.

Uma outra área da Informática, que tem contribuído com a área médica, é a robótica, com o desenvolvimento de robôs no auxílio de diagnósticos e terapêuticas.

Atualmente, a interação entre a Informática e a Medicina está solidificada por meio de pesquisas nas áreas da Bioinformática, da Engenharia Médica e da Física Médica. No Brasil, algumas instituições, tais como UFRG, UFSP, Unicamp, USP-Ribeirão Preto, USP-São Carlos, Unesp entre outros, vêm desenvolvendo pesquisas em Informática aplicada à Medicina tanto no contexto do curso de graduação quanto na de pós-graduação. Um outro exemplo da cooperação entre as áreas da Medicina e da Informática é a realização de pesquisa multidisciplinar e inter-institucional entre a Unioeste e a Unicamp pelo Curso de Ciência da Computação, Campus de Foz do Iguaçu, e o Serviço de Colo-Proctologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Todos os esforços de pesquisas nos campos tecnológicos, humanitários ou médicos possuem direta ou indiretamente uma única finalidade: tornar mais sólidos os alicerces que sustentam o homem. A Informática e a Medicina não fogem desse conceito, pertencem a uma das ferramentas de maior importância no auxílio desta missão árdua, servindo como partes da alavanca de Arquimedes, movendo o mundo da Medicina não no contexto mecânico, mas sob a visão holística, auxiliando e contribuindo para a realização de um mundo melhor. Mas não podemos esquecer jamais que a verdadeira força motriz dessa alavanca é gerada por uma “máquina” singular, o ser humano.

Autores:

Wu Feng Chung

Cirurgião, Doutorando em
Cirurgia, Unicamp, SP.

Huei Diana Lee

Professora do Curso de Ciência da Computação,
Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu,
Ms em Computação, USP-ICMC, SP.

Renato Bobsin Machado

Professor do Curso de Ciência da Computação,
Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu,
Bacharel em Ciência da Computação.

O PODER DA POESIA E DA MEMÓRIA

Primeiramente, gostaríamos de salientar que o presente artigo considera as seguintes versões: prosa e verso, a apresentação formal do texto literário; ficção e poesia, o conteúdo, as imagens,

as marcas de subjetividade.

Em segundo lugar, achamos que a escola tem um medo terrível da novidade, das mentes inteligentes, criativas, arrojadas, arejadas e independentes; e também de quem lê além da normalidade que infesta o nosso país.

Não sabemos exatamente por que lutas, enfrentamentos, guerras e revoluções passaram os caminhos que levavam à autonomia da Arte em relação ao Estado e à Igreja. O presente artigo não vai discutir a relação entre poesia e sistema ou ideologia; nem se um poeta ou poema é maior ou menor.

Nós estávamos no seminário dos capuchinhos, em Veranópolis, e o professor de Literatura apareceu, num belo dia, com o poema "O dia da criação". Um poema razoavelmente longo (nós olhávamos de fora do mundo da poesia), mas inesquecível. Lemos e analisamos sem saber que se tratava de um "poema moderno". Apenas lemos e conversamos, na sala e nos corredores daquela abadia moderna. (No que dá escrever artigos logo após a leitura de **O nome da rosa** e **Pós-escrito a O nome da rosa**!)

Muitos anos depois (a vida é breve), como professor universitário, lembramos daquele poema e descobrimos outros, mais curtos, do mesmo autor. Já descobriu de quem se trata, interlocutor? Só com o título, fica mais difícil. Agora, se informarmos que é poema de um homem que gostava demais da vida nos bares, bebendo chope, compondo poemas e letras para músicas, da turma do Tom, Toquinho e cia., facilita mais. Pois é, seu Vinícius de Moraes!

Ah, você acha que gostamos dele mais do que do Gregório de Matos, Álvares de Azevedo, Manuel Bandeira e Mário Quintana? Que absurdo! Sabe por quê? Porque estamos falando por causa de um pequeno poema e do reduzido tempo que as pessoas conseguem dedicar à leitura. Nada mais está em discussão.

E é por causa de um pequeno poema daquele Autor que estamos dizendo algumas coisas a respeito de poesia, de literatura moderna, o corte, epistemológico ou no tempo, não será vertical nem horizontal. Aliás, esse negócio de tempo foi uma coisa muito mal trabalhada naqueles anos de escola. Até não muito tempo atrás, achávamos que, por exemplo, a ironia era exclusividade dos escritores modernos, estudados e consagrados após 1922. Qual era o problema? A escola mostrar a Literatura a partir das "Escolas Literárias". Consequência: um estudo fragmentário e inconsequente.

O problema maior era criado pela própria escola: nós não podíamos ver a Literatura que estava "dentro dos livros". Um exemplo apenas: as nossas leituras individuais giravam em torno de viagens imaginárias, fantásticas. Oficialmente, não fazia sentido nenhum ler Júlio Verne, Karl May e Knut Hamsun. Eles não faziam parte dos planos de ensino do governo, das secretarias, das direções. Nós não sabíamos, mas a poesia aguçava e avivava a nossa memória e o nosso futuro.

Quando descobrimo-nos professores de Literatura, lá no segundo grau, líamos textos de alguns antigos com certa desconfiança: havia coisas estranhas, vistas conforme as características daquela “Escola”. Nomes? Gregório de Matos, Álvares de Azevedo, Cruz e Souza. Cadê o João do Rio e o Augusto dos Anjos?

Mas, por que um pequeno poema de um “poeta menor”? Talvez Vinícius de Moraes tenha sido maior letrista e chopista. E mais a mais, é curto demais o tempo que as pessoas dedicam à leitura. Assim, um pequeno poema já basta. Os estudantes não têm culpa. E não conseguiríamos chegar numa sala de aula com aqueles livros assustadores, uma montanha deles.

Nos tempos de estudante (hoje mais um pesquisador — como se fizesse grande diferença!) ficava assustado com aqueles livros todos sobre a mesa do professor — as professoras não assustavam tanto. Nós sofríamos crises (não depressivas como as de hoje: um monte de meninos e meninas, filhos de pais inseguros, nas clínicas psicológicas, psiquiátricas, nas academias, professores particulares), mas líamos vários deles. Não todos, porque de uma forma ou de outra conseguíamos burlar o sistema, com a colaboração de alguns professores. Afinal de contas, acreditamos que eles também tiveram seus momentos de terror nos bancos escolares.

Então, um pequeno e singelo poema porque o tempo e a vida são curtos e preciosos. Dizia Vinícius de Moraes:

A UM PASSARINHO

Para que vieste na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se foi por uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis.

Deixa-te de histórias
Some-te daqui!

O professor inseguro, didático, respeitoso e formalista vai logo elaborando uma bateria de perguntas aos alunos — o bom seria se fossem aos leitores. Decidimos que “leitor” é apenas aquele ser que espreita e fala de dentro dos livros.

Um outro professor, talvez por preguiça, desleixo, ou por convicções profundamente filosóficas e ideológicas vai logo instigando democraticamente: *E aí? O que acharam?*

Talvez a pior atitude diante de qualquer criação literária seja aquela que exige resposta certa para a tão famigerada questão: qual a mensagem do texto?

Ora bolas, se a Literatura é um “campo aberto”, se não há texto literário livre das marcas de subjetividade, se estamos no universo da sensibilidade e da imaginação criadora, como poderá haver “uma mensagem”? Aquela palavrinha aí —uma— funciona como numeral e não como artigo indefinido, correto?

O interlocutor que está lendo e afirmar ser este autor a favor do “vale tudo”, não entendeu nada. Aliás, com a conquista da autonomia, o artista moderno ganhou em criatividade e perdeu em autoridade. Muitas vezes ficamos meditando: muitos escritores modernos/pós-modernos assemelham-se a fantasmas humanos, mais distantes do mundo real do que os românticos do século XIX.

Qualquer leitor que se prestar a dizer algumas coisas a respeito do pequeno poema acima deverá ter, no mínimo, alguns conhecimentos ligados à história, às formas e aos conteúdos literários; saber de tradição e ruptura, ler através do intertexto etc. O dom de falar com os passarinhos não era de Francisco de Assis (para os italianos) e do padre José de Anchieta (para os brasileiros)? Onde está a ironia? Como é possível alguém não ser mais poeta e fazer poemas ao mesmo tempo? Quais os “dons” do poeta moderno?

No final de um filme, um dos que não morreram escolheu mentir: seu chefe caíra numa armadilha e despencou lá de cima. Ele informou à imprensa que o morto sofria de problemas existenciais, mentais, sexuais, financeiros, sei lá. Suicídio, pois. Em vida, era só elogios, respeito e fino trato. O telespectador sabia de tudo, mas precisou calar. Afinal, para quem um cineasta escreve roteiros de filmes?

Sabe o que pensamos? Que é muito melhor ensinar a ler e escrever bem do que resumir tudo em respostas certas e erradas, com as devidas notas. Responda: para que notas, listas de chamada, relatórios, dados estatísticos —neste mundo tão conturbado, com essa juventude tão insegura em seus sonhos e anseios diante das leis e determinações adultas?

No mais, interlocutor, leia bons livros, escolha e escreva as melhores mensagens. Não preste muita atenção às formalidades, aos dizeres canonizados e sacralizados ao longo dos tempos.

Os aviões voam, mas não caminham, nem pensam; não lêem e nem escrevem.

Ildo Carbonera

Ah, quanta saudade daqueles domingos, em que este triste e sofrido povo tinha a oportunidade de esquecer, mesmo que por pouco tempo, todos seus tormentos. Havia algo em que pensar, alguém para torcer, emoções para viver, sonhar com lindos lugares através das inesquecíveis vitórias do nosso “Grande Herói”.

Airton Senna era seu nome, piloto de Fórmula 1 era sua nobre ocupação, e quando digo que o “cara” era bom, não há nenhum exagero, pois só sendo muito bom para conduzir, e com perfeição, aquele carro que devia ser muito pesado, já que continha em sua carenagem a esperança de um país, um povo, uma Nação...uma Pátria sofrida e necessitada de um herói.

Ah, curva, traiçoeira mais do que as curvas de uma mulher, e com ambas sabia lidar. Ah, Airton Senna do Brasil, quanta saudade, quanta lágrima derramada, que povo traumatizado, perdido, sofrido, desorientado. Que Deus o tenha, que a terra lhe seja leve. Amém!

AIRTON SENNA DO BRASIL

Vida curva, confusa e turva
Reta inerte, cenho arrugado
Olhar perdido, pesquisa inútil
Vontade nula, desafio fútil

Desejo louco, um grito rouco
Bandeira hasteada, taça erguida
Lágrima caída, momento traiçoeiro
Agora partiste, herói e guerreiro

Susto momento, longo tormento
Cena maldita, mal se acredita
A voz calou-se no peito cansado
Tombou o homem, grito calado

Cortejo respeito, sorriso sem jeito
Bandeira caída, carenagem partida
Conjecturas amargas de culpas vãs
Nada mais adianta, choram seus fãs

Jeito “maroto”, partiu o garoto
Resta a memória, homem História
Singrou nuvens, derradeira bandeirada
Sempre lembrado, Herói da Pátria Amada.

Ten. Cel. Galetti

BARBARINHA, BARBARELLA, A MENINA DA JANELA

Muitas vezes, no correr do nosso dia-a-dia, deixamos de dar atenção a pequenas coisas.

Quem vê um passarinho voando? E certamente eles voam em todos os lugares, mas estamos com tanta pressa que só observamos o chão por onde nossos pés nos levam.

Barbarella era uma menina linda de apenas quatro anos. Em sua casa, ela tinha uma enorme janela e ali passava seus dias a observar tudo. Cuidava do sol, da lua, dos pássaros e até mesmo das formiguinhas...

Quando sua mãe voltava do trabalho, ela contava todas as novidades, mas sua mãe sempre estava muita cansada para ouvi-la com atenção.

Um dia, Barbarella percebeu que os pássaros não estavam cantando, apenas voavam. E assim passaram-se dias, os passarinhos voavam rapidamente de um lado para outro, mudos.

Ela tentou falar com a sua mãe, mas ela estava muito envolvida com o seu trabalho para se preocupar com passarinhos. Ainda assim pensou: — Preciso arrumar alguma coisa para Barbarella fazer, ela já está inventando coisas...

No dia seguinte, os pássaros continuavam mudos. Barbarella tentava em vão falar com eles. Continuavam agitados, voando para todos os lados, vôos calados.

Da sua janela, Barbarella tentava em vão avisar as pessoas que passavam na rua, mas cada um caminhava na sua própria história sem perceber a menina da janela ou os passarinhos.

Percebendo que seria inútil alertar o mundo sobre sua preocupação, continuou na janela observando o movimento dos pássaros. Até que eles, subitamente, foram desaparecendo.

Barbarella resolveu que seguiria o primeiro que aparecesse, a fim de descobrir o motivo do silêncio dos passarinhos. Surgiu um, ainda filhote, voando baixo e Barbarella foi correndo atrás, quando se depa-rou com muitos outros, milhares, milhões... talvez todos os pássaros do mundo estavam reunidos naquele parque.

Havia um pássaro de óculos, com grande topete loiro, que traduzia todos os idiomas numa língua universal, e assim todos conseguiam entender, até Barbarella entendeu.

Basicamente, a linguagem era feita de signos de amor, e o verdadeiro motivo daquele encontro era a preocupação dos pássaros com a extinção de um animal que há muito estava no mundo, um animal que estava se extinguindo e os pássaros não sabiam como amparar aquele espécime que, apesar de se julgar tão superior, demonstrava tamanha vulnerabilidade.

Os pássaros concluíram que por enquanto voltariam a

cantar em seus vôos, voltariam a tentar alertar o homem da sua extinção, esperando que o homem acordasse da alimentação em que adormeceu a fim de conseguir lutar pela sua sobrevivência ou que pelo menos não continuasse a ser a causa do seu extermínio.

Barbarella, em princípio, pensou que fosse uma brincadeira, mas quando notou que estava em um parque no centro da cidade com aquela infinidade de pássaros e que os homens passavam em volta ou até mesmo entre eles e não percebiam, ela compreendeu que a preocupação estava mais do que fundamentada — a extinção do homem e do seu mundo, a extinção do homem como senhor de si.

Os pássaros terminaram o encontro, declarando que o homem estava aprisionado no cativeiro da vida e que sem estar alimentado com a alienação da falta de tempo e da insaciável necessidade, o homem estaria entregue a um mundo que ele não conseguia usufruir, havia perdido a naturalidade de sentir-se saciado com a beleza das pequenas coisas e o gosto do que simplesmente é gostoso.

Barbarella saiu do encontro impressionada. A seriedade da preocupação dos pássaros e a certeza de que ela tinha que tornar o homem mais consciente da sua situação, tornou-se uma obrigação. Barbarella tinha consciência que neste momento havia se transformado na janela do mundo.

Os pássaros ensinaram que a vida era muito maior do que a janela da sua casa, que seus grandes sonhos devem seguir os percursos dos grandes vôos e que mesmo que a vida nos imponha o papel de observadores, nós ainda somos os imperadores absolutos de nossas vidas e devemos cuidá-las como bens preciosos.

Barbarella chegou em casa tarde, rodeada de passarinhos que havia conhecido no encontro do parque. Sua mãe estava preocupadíssima na janela, pensando no que poderia ter acontecido com a sua menininha. Afinal Barbarella era apenas uma menina de quatro anos, sozinha na rua.

Quando se encontraram, a mãe começou a chorar de felicidade e a menina, com seus enormes olhos negros, a observava calmamente e pensava: — Minha mãe também está em risco de extinção, ela é uma adulta que passa a vida esperando o tempo passar, está tão preocupada com os problemas do dia-a-dia que esquece de sentir a grande dádiva de viver.

Barbarella contou tudo para sua mãe sobre o encontro dos pássaros e de sua preocupação com a vida humana. Sua mãe estava tão assustada com todo o acontecido que ouvia e sorria, como quem ouve uma estória bonita, mas logo percebeu os pássaros ao seu redor e viu que o que Barbarella contava podia ter algum sentido. Verificou que realmente sua vida corria risco de extinção se continuasse a viver apenas por viver, não teria sentido ser mãe de Barbarella sem compartilhar as vivências de sua filha.

A mãe de Barbarella continuou com todos os problemas e as dificuldades da vida adulta, porém, sempre que tem um tempo

livre, deixa-se preencher pelas travessuras de sua filha. Todos os domingos, as duas são vistas juntas em parques, aprenderam a aproveitar o máximo dos dias coloridos e a compartilhar as suas fantasias. Dizem até que já as viram voar junto a uma revoada de pássaros, mas isto é uma outra história...

Márcia Helena Sut Ribeiro

Dedicado à filha Bárbara

FERNANDO PESSOA

(1888 - 1935)

Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em Portugal, criado inicialmente na África do Sul, tornou-se um poeta bilíngüe (primeiros escritos em Inglês), publicou em vida muito pouco de sua extensa obra (obra poética muito menor que a em prosa).

Obras publicadas em vida:

1918 - ANTINOUS E 35 SONNETS

1921 - ENGLISH POEMS I, II E III

1934 - MENSAGEM (para concorrer a prêmio do Secretariado de Informação).

Em diversas épocas, alguns artigos em prosa e poucos poemas foram publicados em diversas revistas (algumas dirigidas pelo próprio poeta)

Fernando Pessoa faleceu prematuramente em 1935, no Hospital São Luís, após ser internado com "crise hepática".

Após o seu falecimento, descobriram em sua casa uma arca de madeira, que, pasmem, continha 27.543 textos (há um grupo de pesquisadores que aos poucos vai organizando e publicando esses textos inéditos, que tornam Fernando Pessoa equiparado ao até então poeta maior da língua portuguesa, Luís de Camões, e hoje, segundo alguns críticos da maior relevância, um dos maiores poetas de todos os tempos, em qualquer língua).

Uma faceta importante da personalidade do poeta é o escrever usando diversos heterônimos (personalidades poéticas distintas, cada uma delas com estilo próprio e todas com a mesma qualidade de Fernando Pessoa, ele mesmo —os mais conhecidos são Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares. Ao todo, esses heterônimos chegam a cerca de 73, mostrando a personalidade múltipla e genial de Fernando Pessoa). Ao lado dessas múltiplas personalidades, o autor dominava ainda diversos gêneros literários, produzindo desde poemas infantis (dedicados às suas sobrinhas), ficção, poemas e livros

em prosa, que só se tornaram conhecidos após a prematura morte do poeta.

Suas obras estão sendo editadas, pela vez primeira, em edição completa e organizada, com comentários de especialistas que respeitaram as variantes de cada texto (que, na maioria, nunca foram publicados, não se conhecendo pois, a predileção do poeta) —em Portugal, está por conta da ASSÍRIO & ALVIM e, no Brasil, sob a batuta da COMPANHIA DAS LETRAS.

Esperemos que uma tal empreitada vá a bom termo, para conhecermos, mais profundamente, essa personalidade ímpar, que honra as comunidades lusíada e lusófona.

Mas chega de filosofia e de história e vamos ao que interessa —poemas de PESSOA, que denomino agora como

“LÁGRIMAS DE PORTUGAL”

(pequenos trechos dos poemas de PESSOA, que o tornaram tão conhecido no Brasil, em Portugal, e pelo mundo afora —já que é hoje considerado um dos maiores poetas de todos os tempos em qualquer língua).

MAR PORTUGUÊS

(Fernando Pessoa)

Ó Mar Salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de PORTUGAL!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram
Quanto filhos em vão rezaram!
Quanto noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena! tudo vale a pena
Se a alma não é pequena

O GUARDADOR DE REBANHOS

(Alberto Caeiro)

Há metafísica bastante em não pensar em nada
O que penso eu do mundo!
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse, pensaria nisso.

DA MINHA ALDEIA vejo quanto da terra se pode ver no universo ...

Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer

Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura ...

ODES DE RICARDO REIS

(Ricardo Reis)

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

MAGNIFICAT

(Álvaro de Campos)

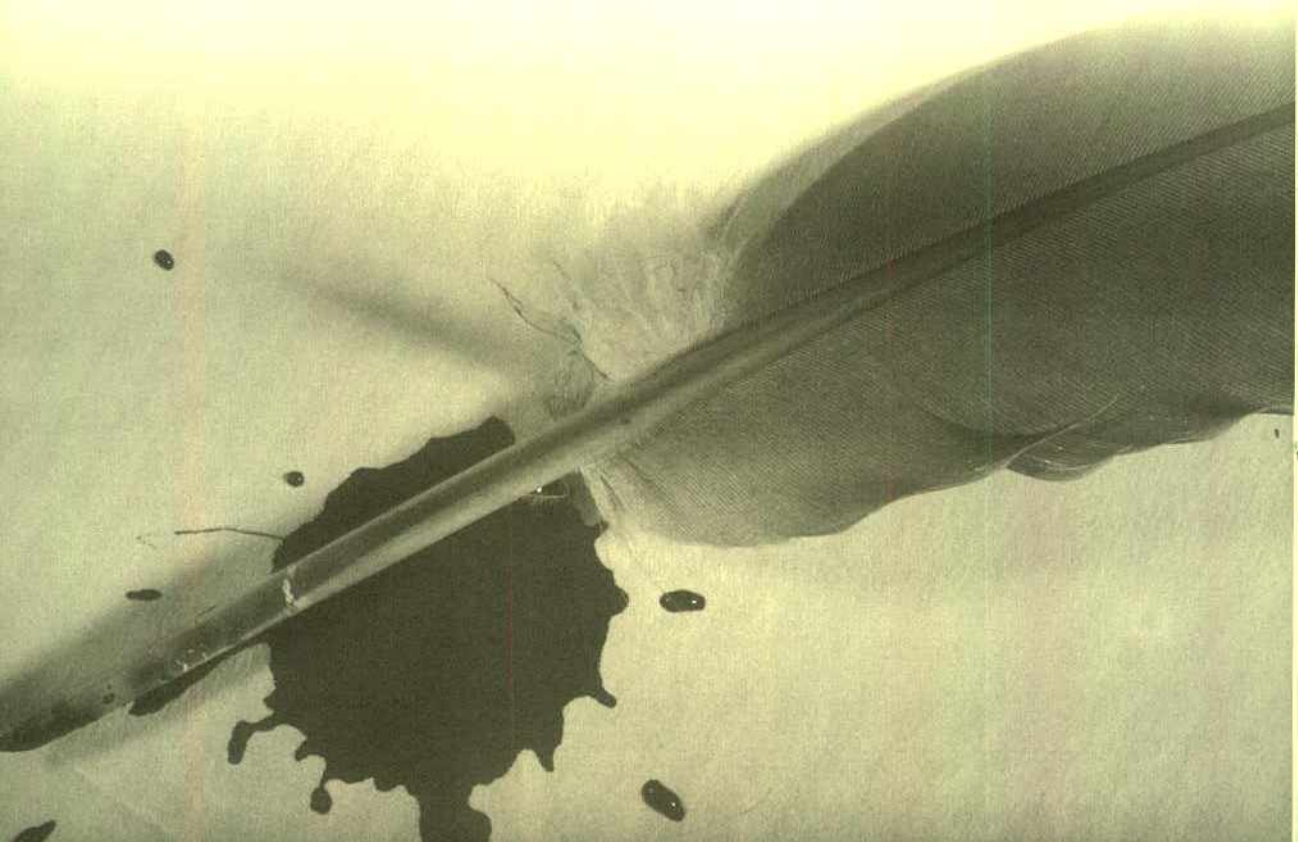
Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.
As estrelas pestanejam frio,
Impossível de contar.
O coração pulsa alheio.
Impossível de escutar.
Quando é que passará este drama sem teatro,
Ou este teatro sem drama,
E recolherei a casa?
Onde? Como? Quando?
(...)
Esse mandará como Josué parar o sol e eu acordarei;
E então será dia.
Sorri, dormindo, minha alma!
Sorri, minha alma, será dia!

E para mais deleite, sugerimos a leitura de sua obra completa, que aos poucos nos chega às mãos! BOA LEITURA!

Renato Maroja

Médico e leitor dessa obra incomparável.

Poesia



Se tivéssemos com o nosso espírito
O cuidado que temos com o nosso corpo
O mundo seria melhor.

Se sentíssemos vergonha
Dos defeitos do espírito
Como sentimos dos defeitos da carne
O ser humano seria mais digno.

Se olhássemos no espelho
E pudéssemos ver o nosso espírito
No lugar do corpo veríamos
Que às vezes o espírito está
Pior que o nosso rosto,
Entretanto, não nos preocupamos,
Somente pensamos em melhorar
A nossa aparência física.

A beleza física é importante,
Porém é passageira,
A beleza do espírito
Que não vemos e não
Nos preocupamos, é eterna.

Um dente cariado incomoda,
Um cabelo feio entristece,
As rugas nos desolam e
A obesidade nos apavora.
Por que não cuidar do espírito
Como tratamos nosso corpo?

Será por que não o vemos?
Não podemos vê-lo,
Mas podemos sentir
Sua alegria e sua tristeza.
A bondade, a misericórdia e o amor
Embelezam o espírito, porém o ódio,
A falta de caridade e o egoísmo
Transformam-no em um ser
Horroroso, refletindo-se no rosto
E no cérebro adoecendo o corpo.

Vamos cuidar do corpo, pois ele é o templo
Onde habita o nosso espírito,

Mas vamos polir nosso espírito,
Para que o seu brilho ilumine nosso rosto
Deixando transparecer a beleza,
Só assim transmitiremos a paz,
Pois a paz está dentro de nós.

Ivette Souza Secundino

ENCRUZILHADAS

supor do sol
outro calor
supor do amor
senão a dor
supor da vida
nenhuma ferida
supor da morte
que se volte
supor de mim
amor sem fim
de todos nós
dor tão atroz
não descobrir
aonde ir
voltar atrás
o que encontrar
seguir em frente
destino da gente
viver é sim...

José Elias Aiex Neto

POUPEM-NOS: OS NÓS E OS NUS

Poupem-nos dos dias de glória
Exaltados em versos e prosas
Em calendas fixadas na História
De uma pátria escorada na escória

Poupem os nus da verdade crua
Travestida sob sonhos jocosos
Onde jaz a realidade dos meninos de rua

Acalentando a chefia dos criminosos

Poupem os nós da sobrevivência
De mentes que através da ilusão
Atadas aos pés da ignorância
Devotam os votos à vil corrupção

Realidade fiel de um Brasil varonil
Tão belo e forte quando surgiu
Porém maculada a grandeza que logo exaltou
Através da nobre pobreza de quem o comandou

Poupem-nos dos planos mirabolantes
Paradoxo extremo nunca se viu
Executados por facínoras itinerantes
Meliantes de uma política senil

Poupem os nus de um país extravagante
Dá o pão e a bola para a desgraça ou sorte
Que no circo de um esporte apaixonante
Tem que driblar a fome que é forte

Poupem os nós da vontade crescente
De resgatar nosso patriotismo ausente
Pois se quando estamos em solo alheio
Olhares e vistos delatam o solo-mãe matreiro

Culpados ou não, somos párias da sina
Que escoa do ápice da pirâmide social
De havermos nascido em meio à propina
Construída em prol do opróbrio nacional

Poupem os nós emaranhados, as cobras
Da dignidade e parcas esperanças
Impostas em taxas que levam além das sobras
Outrora envoltas no futuro de nossas crianças

Poupem os nus dos ameríndios
Nativos inativos de puros brasileiros
Retratam a forma de como serviu
A ordem e progresso do nosso Brasil

Poupem os nós, os nus, a nós mesmos
Ainda que filhos da Pátria amada
Idolatrada em quimeras sinceras
Somos rebentos de chagas etéreas

Donnanfer Lovarca

O beijo cala
vozes em vozes
ondas de som
livre som
a brisa bate na boca sem sabor
o vento beija
beija a cor
beija a voz
em som de tom
cores que berram um grito com tom
maior a voz
maior o som
um raio de sol seria bom
seu rosto sente
o tom cinza que agora cai
súbito delírio paralelo
muitas pessoas e cores
cabelos cortam o céu surreal
pasma consciência que foge...
o que é real!
minhas mãos suadas
o vento numa fúria vergonhosa imita enfeites psicodélicos
um raio de sol seria bom!
um violão sem cordas
Poeira e um copo de vinho
em cima da cômoda

Marcelo Leandro Zini

Estudante

CRÔNICA POÉTICA A UMA MORTE ANUNCIADA

— Tô achando que essa vai ser a noite mais fria!
Desconfiou o homem barbudo.

— Pra mim, tá igual a de ontem!
Discordou o homem maltrapilho.

— Cê inda tem daquela branquinha?
Perguntou o homem cabeludo.

— Deve ter uns dois tragos!

Respondeu o homem fedorento.

— A sopa, hoje, tá demorando!
Reclamou o homem banguela.

— Daqui a pouco, ela tá aí!
Comentou o homem sarnento.

— Cê tem mais algum papelão?
Pedi o homem tuberculoso.

— Agora só tenho jornal!
Murmurou o homem nauseabundo.

Entre uma tossida e uma bituca, acabaram sonhando. . .

E quando o calor do sopão,
finalmente, deu as caras
encontrou só
palavras congeladas,
entre a caixa surrada
de um condicionador de ar
e páginas sociais coloridas
de um jornal do outono,
na noite em que
o serviço meteorológico
confirmou a desconfiança do homem barbudo...

Carlos Luz
poeta

CADA DIA É UM DIA

Os dias passaram rápido
Num piscar de um olhar,
Num dia ensolarado
Posso nele aproveitar,
piscina, pescaria ou
até banho de mar.
Num dia bem chuvoso
Vou me animar,
Deitada na minha cama,
Coberta pelo meu lençol
Dormindo sem parar.

Num dia de ventania
A brisa vou levar,
Sentada em uma cadeira
Lendo um bom livro
Por horas e horas a passar.
Por isso que cada dia é um dia
Que temos que aproveitar.

Angela Goldgaber Nunes

10 anos

O QUE NÃO TEM NEXO

QUE TE DEI? Senão prova sincera
O expressar de um justo sentimento
Outra intenção jamais houvera
Que ocupasse o meu pensamento

Aos meus olhos lanças o teu descaso
Teu lado avesso, o que te diminui
Em mim forjando mais a crença
Toda medida que o bom senso argüi

Deixemos ao tempo a melhor resposta...
A madureza, a transitoriedade
Dos títeres e seus papéis

Em frágeis linhas pendurados
Como se vivos fossem
Assim o nosso romance... entenda!

Maria da Penha Beiriz Carneiro

Foz do Iguaçu, 1980

HORA

A insônia não me deixa dormir, portanto entrego-me a esse
sadomasoquismo unilateral,

Sou eu e a máquina a criarmos linhas vegetais, prediletas pelos
neandertais,

Que mutilam irracionais, lobos que uivam solitários em busca de
par.

Famintos sociólogos sofrem na fila do pão, ofensas vazias são ouvidas

E nada mais do que ouvidas, ultrajes sem sentido são sempre sentidos como da mesma velha forma,

Porcarias que revelam não saber o que revelam,

Pois reveladas escondem-se temperamentais no sentimento.

A massa de letras confunde-se no papel em mais um poema sobre o velho assunto louco.

Penso e descubro: meu futuro é garantido, o dos outros eu não sei.

Esquecido, caminho na alameda dos hipocondríacos, na sorte difamada em alaridos de medo,

Pereço imaginariamente durante a madrugada ridícula que me assombra, tal qual a um garoto,

Tremo de frio enrolado em meu cobertor, à beira da janela da dor.

Espero os dias passarem mais lentos na velocidade do pensamento,

Escrevo cada vez mais meu sucesso, meu fracasso, meu tanto faz,

Não sou dono do tempo, nem da verdade, nem de algo mais.

O que me interessa construo a esmo em minha intensidade fugaz,

Rimo mendigando nos salões dos normais, esclareço não sei o quê, para não sei quem,

Em algum lugar do presente, passado e futuro.

Sempre tudo bem, tô nem aí.

Ouçó: “faça isso, faça aquilo” e a qualquer sinal de pensamento errático,

O pessimismo melodramático chega fazendo pose de final,

Esnobo tudo que for mal, meu bem está aqui dentro,

Foi o grande racional que me deu esse dom, passional.

Perdendo-se entre tantas horas, entre tantas e pretensas razões criadas

Para amedrontar em chantagens intencionais,

Em ataques propositais, em falas mecânicas, em reflexos de ódio,

Em dedos que espalham algum carinho, por alguma coisa que existe,

Em algum lugar no presente, passado e futuro.

Quando penso seriamente, parece que sempre vivo a mesma hora,

Portanto não ligo, deixo a hora passar.

Jonaldio Júnior

DOM DA VIDA

Clara como o sol
Reluzente como as estrelas
Brilhante como a lua
Procurar aquilo que não se vê
Querer tocar aquilo que não se pega
Buscar o sentido onde não se tem
De muitos e outros basta uma infinita dádiva do dom divino
apenas ser
Viver e sentir somente o que me é possível
Aquilo que está ao meu alcance
das minhas muitas vontades
querer somente esta
o dom de ser somente eu...
Humano!!!

Norberto

ALGUÉM

Surto de alegria
Sopro de espontaneidade
Um traço de carisma
Um risco de ilusão

Sonho de verdade
Beijo de coração
Um abraço de carinho
Um colo para consolação

Uma mão para apertar
Uma amiga na qual confiar
Um jardim de flores coloridas
Um pedaço de admiração

Um caminho para o futuro
Um passo para a felicidade
Um salto pra liberdade
Um grito de amor

Um coração aberto
Um riso de emoção
Uma gargalhada de fidelidade
Um todo de alegria

Um tudo em um só
Um tudo em alguém
Um tudo em uma amiga
Um tudo que não é de ninguém

Joyce Silva Fernandes

Estudante, 16 anos

DESABAFO

Só queria que soubesse:
Não te amo mais
Estaria mentindo se dissesse que
Ainda te quero
Como sempre te quis
Tenho certeza que
Nem tudo foi em vão
Sinto dentro de mim que
Você já morreu
Não posso mais dizer que
Ainda guardo uma esperança
Como um espaço curto, marcante
Já te esqueci
Não mais usarei a frase:
Eu te amo!
Sinto, não posso mais esconder.

(Agora leia de baixo para cima).

Gigliane Crisléia Silva do Nascimento

UM RAMALHETE ABANDONADO

Um dia você disse que me amava,
eu acreditei no que ouvia da sua boca
e entreguei para ti o meu frágil coração;
Frágil como um vidro e puro como um cristal.

Hoje eu sou apenas um ramalhete de flores
abandonado depois da festa,
deixando como lembrança o perfume na sala.
Os olhos que olharam, me viram à distância.

Por que não me queres mais?
Será que nosso amor foi como uma chuva de verão
que logo que passa fica o chão molhado e a fumaça no ar?
Quem brinca com o amor morre, de solidão.

José Alexandre de Oliveira

Tio Bahia

AO OESTE PARANAENSE

Um dia fui embora
E mais tarde retornei.
Quando fui, recebi um abraço
Recebi dois quando voltei.

Qualquer dia dirá o destino
E novamente embora irei
Comigo irão todos os abraços
Tesouros que levarei.

Lyrrio Bertoli

Presidente da ACULFI (em licença)



VER-TE VERTER EM
\$ANGUE
VER-TE, \$EU CORPO
EXANGUE
VER A \$ARJETA
IMPUNE
VER QUE ALGO
NOS UNE

nelson figueira